

FRÁGIL

Manusear com cuidado
Contém sonhos



THE BOOK OF DREAMS

O LIVRO DOS SONHOS

*As histórias reunidas neste livro
foram recolhidas pela UNICEF junto
de crianças e jovens que recebem apoio da
União Europeia.*

*Os testemunhos são autênticos e fiéis às recordações
das crianças.*

*A presente publicação foi produzida com o apoio
financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da
exclusiva responsabilidade da UNICEF.*

*Os pontos de vista expressos no presente livro não
refletem necessariamente as opiniões da União
Europeia nem as da UNICEF.*

PREFÁCIO

Com este livro embarcamos numa viagem pelo passado, pelo presente, e rumo à esperança num futuro melhor, de uma geração de crianças e de jovens sírios que viram os seus sonhos interrompidos, no melhor dos casos, por mais de oito anos de conflito.

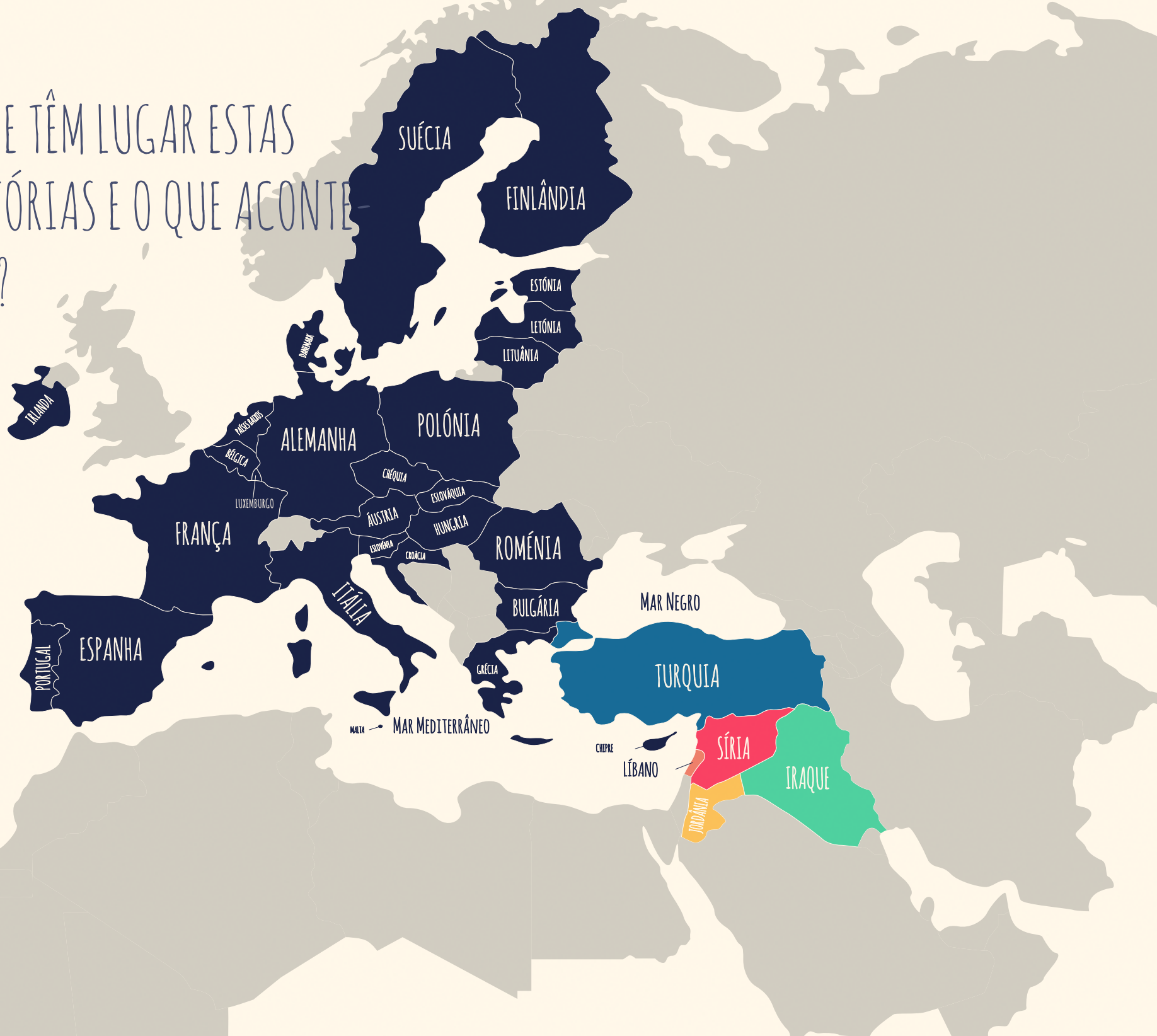
Ao ler este «Livro dos Sonhos», fico emocionado com as histórias terríveis que nos narra. Mas estas raparigas e rapazes têm aspirações incríveis: querem ser astronautas, jornalistas, trabalhar em prol dos direitos das crianças e reconstruir a sua amada Síria. Mantêm-se fiéis aos seus sonhos mesmo quando têm de enfrentar a angústia e a perda, procurando encontrar um raio de luz e esperança num céu muitas vezes escuro e nublado.

Apoiar as crianças e os jovens constitui uma prioridade fundamental para a União Europeia nos seus esforços para evitar uma «geração perdida». É animador ver os resultados do trabalho conjunto da União Europeia e da UNICEF, e considero estes testemunhos como uma demonstração, uma vez mais, da resiliência, da força e da determinação da próxima geração. Estas características representam a mudança positiva que todos esperamos e a esperança que temos num futuro de paz na Síria e na região.

Johannes Hahn

(2014-2019), membro da Comissão Europeia
responsável pela Política Europeia de Vizinhança e
Negociações de Alargamento

ONDE TÊM LUGAR ESTAS
HISTÓRIAS E O QUE ACONTECEU?



MAR NEGRO

TURQUIA

LÍBANO

JORDÂNIA

SÍRIA

IRAQUE

▪ ALEPPO
▪ IDLIB
▪ HAMA
▪ HOMS
▪ DAMASCO
▪ AR-RAQQA
▪ DEIR EZ-ZOR

Em dezembro de 2010, teve início uma vaga de protestos que posteriormente se alastraram a vários países do Médio Oriente e do Norte de África. Este movimento ficou conhecido como «Primavera Árabe».

Na Síria, as pessoas começaram a protestar pacificamente em 2011, exigindo liberdade, dignidade e direitos fundamentais. As manifestações pacíficas foram reprimidas, o que desencadeou rapidamente uma guerra generalizada.

Os confrontos tornaram-se cada vez mais violentos. Foram arrasadas cidades inteiras. Os civis sofreram enormemente: estamos a falar provavelmente de cerca de 500 mil mortes até à data. Muitos sírios abandonaram as suas casas e, posteriormente, o seu país para escaparem a este conflito devastador.

Seis milhões de pessoas ainda estão deslocadas no interior da Síria, enquanto milhões de outras pessoas fugiram para a Jordânia, para a Turquia, para o Líbano, para o Iraque e para países europeus.

No total, existem aproximadamente 12 milhões de sírios deslocados.

Imaginem ter de deixar tudo para trás em menos de um segundo... a sua casa, os seus amigos e até mesmo, ocasionalmente, membros da sua família, e ter, depois, de prosseguir a sua vida noutro país, sem conhecer

ninguém, e, por vezes, mesmo sem conhecer a língua.

Contudo, para a maioria destas pessoas, este era a única saída possível

A Turquia, a Jordânia, o Líbano, o Iraque e outros países, incluindo os Estados-Membros da União Europeia, decidiram acolher os refugiados sírios.

A guerra perdura até hoje. A União Europeia e muitos países estão a ajudar a Turquia, a Jordânia, o Líbano e o Iraque a prestarem apoio aos refugiados sírios e às comunidades locais, facultando-lhes proteção, acesso à educação, a cuidados de saúde, etc.

As organizações internacionais, como a UNICEF, também trabalham nestes países para ajudar os refugiados sírios e a população local.

ERA UMA VEZ UM SONHO

Todas as crianças sonham. Para algumas delas que viveram a dura experiência da guerra, da fome e do frio, sonhar é tudo o que lhes resta.

Forçadas a deixar a sua cidade, a sua casa e a sua família, muitas crianças sírias levam consigo a esperança que têm num futuro melhor. À noite, sonham com a possibilidade de, um dia, poderem regressar ao seu país e reencontrar a sua família e os seus amigos.

Graças aos seus sonhos, resistem.

Graças à sua visão do futuro, ainda acreditam na vida.

Graças à esperança, tudo é possível.





Capítulo 1

UM PAÍS, UM LAR

A Síria e o seu povo resistem há séculos. Enquanto sociedade, a Síria forjou a sua própria identidade, de modo a projetar o seu brilho pelo mundo.

É um país de uma beleza espantosa, onde os habitantes fizeram crescer e prosperar a cultura e as tradições durante milhares de anos, fazendo deste local o berço de uma sociedade rica e diversificada.

A Síria está repleta de tesouros arqueológicos. Damasco e Aleppo estão entre as cidades mais antigas do mundo. Desde há muitos anos que, para os sírios, a preservação das suas obras-primas arquitetónicas constitui um aspeto essencial do seu património. Para estes homens e mulheres, agora deslocados, a simples memória da grandeza do seu país leva-os de volta a esse lugar, a sua casa, à Síria.

Há alguma criança que não sonhe com um lar?

Para as crianças que contam as suas histórias no presente capítulo, o lar, por vezes, não passa de uma recordação distante. Ainda assim, continuam a sonhar com um lar, uma casa que lhes permita finalmente entrever um futuro melhor a ganhar forma. Um refúgio onde possam proteger-se da violência, do frio e da dor que enfrentam todos os dias.

Estas crianças perderam tudo o que damos por adquirido todas as noites quando nos vamos deitar. As únicas coisas que jamais conseguiríamos tirar-lhes, das quais nunca abrirão mão, são os seus sonhos e a esperança.

SONHO COM A NOSSA CASA

Enas tem 11 anos. É natural de Aleppo, na Síria.

Atualmente vive na Turquia.

Lembro-me da nossa casa na Síria.

Lembro-me de cada divisão.

Tinha apenas 5 anos quando deixámos o nosso país para irmos morar para aqui, na Turquia.

Mas lembro-me perfeitamente da nossa casa em Aleppo.

Um dia, regressarei.

Chamo-me Enas, tenho 11 anos e tenho cinco irmãs.

Sáímos da Síria porque o nosso pai temia por nós, pela nossa segurança, mas, aqui, a situação não é melhor.

Lembro-me da nossa casa na Síria, com o grande pátio, quatro quartos e a escola que só ficava a algumas ruas de distância.

Um dia, regressarei.

Tenho saudades da minha tia. Tenho muitas saudades dela.

Tal como tenho saudades do meu quarto e do baloiço que o meu pai construiu para nós.

Aqui, vou à escola, mas não gosto. Tento, estudo, mas não gosto. Esta casa não é a minha casa. Este lugar não é Aleppo. A Síria é o meu país, foi onde nasci.

Um dia, com toda a certeza, regressarei.





SONHO COM O MEU PAÍS

Rasha tem 12 anos. É síria.

Atualmente vive na Turquia.

As pessoas dizem que a Síria era um país magnífico, mas atualmente está tudo destruído, o que muito me entristece. Sei que, se regressar, tudo estará diferente.

Vivemos aqui, na Turquia. Estamos a tentar ser felizes. Vou à escola, tal como as outras crianças. Na maioria das vezes, nós, as raparigas sírias, mantemo-nos juntas. As raparigas turcas não gostam de conviver connosco...

Às vezes, o professor faz-nos perguntas sobre o nosso país de origem. Um dia, perguntou-me do que mais tinha saudades.

- «Da Síria», respondi apenas.

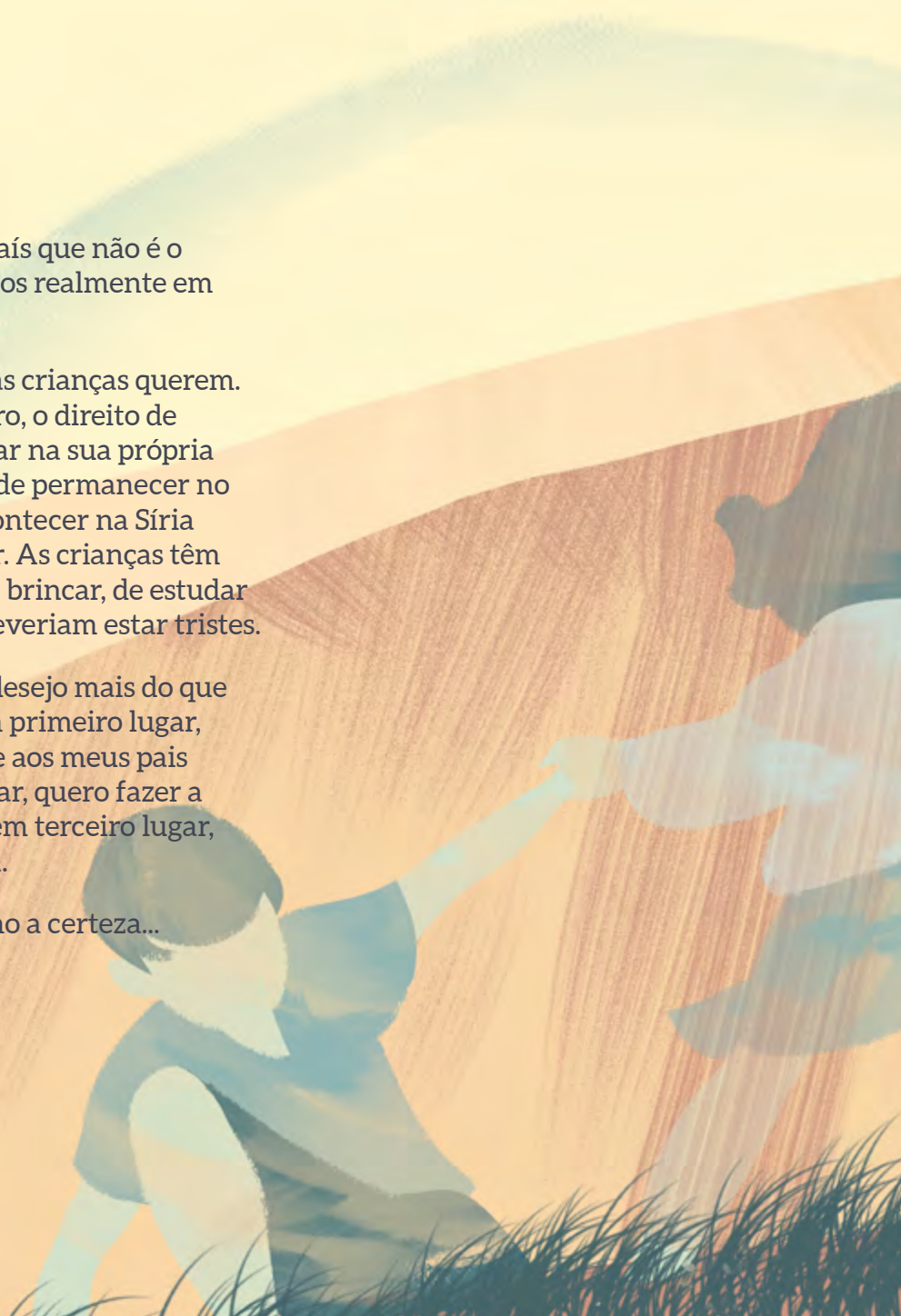


Quando vivemos num país que não é o nosso, nunca nos sentimos realmente em casa.

Deixem-me dizer o que as crianças querem. Querem direitos! Primeiro, o direito de frequentar a escola e falar na sua própria língua. Depois, o direito de permanecer no seu país. O que está a acontecer na Síria nunca deveria acontecer. As crianças têm direitos. Têm o direito de brincar, de estudar e de ser felizes. Nunca deveriam estar tristes.

Existem três coisas que desejo mais do que qualquer outra coisa. Em primeiro lugar, desejo segurança e saúde aos meus pais e irmãs. Em segundo lugar, quero fazer a peregrinação a Meca. E em terceiro lugar, quero voltar a ver a Síria.

Um dia, regressarei, tenho a certeza...







Capítulo 2

NEM TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR AO MESMO LUGAR

Cada viagem tem a sua própria história. Desde o primeiro passo, o viajante nunca mais será o mesmo. Os caminhos que trilha revelam as escolhas que faz. Contudo, para as crianças que partilham as suas histórias neste livro, poucas dessas escolhas são efetuadas livremente.

No âmago dos sonhos dos jovens sírios, existe uma necessidade imperiosa de educação. Para esta geração, cujas vidas quotidianas são afetadas pelas injustiças, os estudos e as recordações de tempos mais felizes são as duas razões pelas quais ainda alimentam a esperança.

Este ponto é perfeitamente ilustrado no primeiro texto. Tudo o que resta a Yahya de quando foi para a escola é uma fotografia, que guarda como um tesouro.

Alguns conseguiram resgatar alguns brinquedos partidos e livros danificados dos escombros das suas casas. Outros simplesmente perderam tudo. Aqueles que nos contam aqui as suas histórias, já nem sequer comemoram os próprios aniversários.

Contudo, no centro das suas vidas difíceis, perdura a esperança de dias melhores.

Embora sobreviver seja a sua prioridade, estudar também é muito importante para eles. Sabem que a educação lhes poderá permitir um dia regressar à Síria para construírem um futuro para eles e para as suas famílias.

A educação é a chave do seu futuro.



UMA FOTOGRAFIA MINHA

Yahya tem 13 anos. É originário da Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

É uma fotografia minha que foi tirada quando me matriculei na escola. É muito importante para mim. Estava no meu primeiro ano, na minha primeira semana de aulas, quando fui forçado a deixar o país.

Claro que guardo algumas recordações. Algumas boas, outras menos boas. Por exemplo, lembro-me da minha escola, que era magnífica aos meus olhos, dos amigos que fiz e dos nossos jogos de futebol durante o recreio.

Também me lembro da guerra, dos bombardeamentos e da viagem que tivemos de fazer para chegar aqui. Essas são más recordações que prefiro esquecer...



Saímos da Síria a meio da noite. Estava tão escuro que mal conseguíamos ver a estrada à nossa frente. Atravessámos vales, caminhando por entre moitas de arbustos espinhosos. As pessoas deixaram tudo o que tinham para trás, para não irem sobrecarregadas durante a viagem. Quanto a mim, não pude trazer os meus livros escolares, as minhas canetas e os meus lápis de cor. A minha mãe disse que regressaríamos a casa em breve, mas já estamos aqui há seis anos.

Guardo preciosamente esta fotografia, porque faz parte da minha infância. Quando olho para ela, faz-me sorrir, faz-me recordar como era feliz em pequeno. Eu só tinha 6 anos.

Agora, o que quero acima de tudo, é regressar à Síria, para ver outra vez a minha casa e a minha escola.

Desejo do fundo do coração que a Síria um dia volte a ser um lugar seguro.







SER RAPARIGA

Hameda tem 17 anos. É originária da Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

Chamo-me Hameda. Eu e a minha família deixámos a Síria por causa da guerra. Agora vivemos num campo de refugiados temporário, na Jordânia.

Aqui, os dias passam e confundem-se uns com os outros. Acordamos cedo, o meu pai vai buscar água enquanto a minha mãe vai fazer um tratamento.

Saio de casa por volta do meio-dia para ir para as aulas. Depois disso, passo algum tempo com as minhas amigas. Mais tarde, cada uma volta para a sua casa.

Algumas raparigas não podem sair por causa dos rapazes que passam o tempo a vaguear pelas ruas e que as assediam. Irrita-me mesmo que ninguém faça nada para os impedir!

As minhas amigas e eu só queremos uma coisa: podermos continuar a estudar.

Sei que a situação é complicada, mas o meu sonho seria terminar os meus estudos e ter a oportunidade de um futuro melhor...

CASAR NÃO É UMA OBRIGAÇÃO

Selma tem 24 anos. É originária da Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

Chamo-me Selma. Tenho 24 anos, mas como sou mãe, viúva e divorciada, por vezes sinto que tenho 40 ou 50...

Há muitos anos, quando era criança, fui para a escola com o objetivo de um dia ser farmacêutica. Naquela altura, os meus pais apoiaram-me. Mas quando fiz 14 anos, decidiram que estava na altura de eu encontrar um marido. Ao longo de mais de um ano, implorei-lhes que não me obrigassem a casar. Cheguei a pensar casar-me com um bom rapaz da aldeia para fugir a tudo.

Fiquei grávida pouco antes do início da guerra e perdi o meu marido pouco tempo depois. Foi uma sensação muito estranha sentir que carregava parte da sua alma dentro de mim, durante esses tempos sombrios e desoladores. Aos sete meses de gravidez, os meus pais decidiram deixar a Síria e ir para a Jordânia. Eu não queria partir. Queria ficar na Síria, onde o meu marido estava sepultado, mas após muita insistência, os meus pais conseguiram convencer-

me a ir com eles para a Jordânia.

O nascimento do meu filho foi um momento maravilhoso para mim, cheio de esperança. Passei dezoito meses maravilhosos com ele ao meu lado, mas um dia os meus pais decidiram que estava na altura de voltar a casar.

O meu segundo marido tinha 42 anos e eu tinha apenas 20. Os oito meses que passámos juntos foram uma tortura. Acabei por me divorciar e voltei para a casa dos meus pais.

A vida aqui não é fácil. Na minha cultura, ser-se uma mulher divorciada é um castigo. Não podemos sair, usar roupas bonitas nem mesmo trabalhar.

Sonho com um mundo onde as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens. O direito de tomarmos as nossas próprias decisões e de alcançarmos os nossos próprios objetivos.

Afinal, ninguém deveria ser forçado a casar-se...



OS TRÊS DESEJOS DE SAFA

Safa tem 10 anos. É natural de Aleppo, na Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

Chamo-me Safa e sou de Aleppo. Tenho 10 anos e passei mais de metade da minha vida como refugiada.

Quando a guerra deflagrou, eu e a minha família refugiámo-nos no campo. Pensámos que ali estaríamos em segurança.

Um dia, enquanto brincava no exterior, uma granada caiu perto de mim e fiquei gravemente ferida. Apesar de todos os esforços, os médicos não conseguiram salvar a minha perna. Três meses depois, partimos para a Jordânia.

No campo de refugiados, deram-me uma cadeira de rodas. Não ficámos por muito tempo. Regressámos a Amã, a capital da Jordânia, para que o meu pai pudesse encontrar trabalho. Mas a vida na cidade era demasiado cara, pelo que tivemos de deixar Amã e ir para o campo de refugiados de Azraq.

Levanto-me às 7 horas todas as manhãs. A escola não começa antes das 8 horas, mas por causa da minha prótese, preciso de muito mais tempo para chegar à escola.

Se eu tivesse uma lâmpada mágica, pediria três desejos:

Primeiro, pediria uma cama verdadeira, porque o meu colchão não é nada confortável.

O meu desejo seguinte seria conseguir andar de bicicleta.

Por último, gostaria de pedir uma nova prótese, mais bonita, mais confortável e em melhor estado do que a minha.

P.S. - Depois de ouvirem os meus três desejos, alguns jovens do campo de refugiados construíram-me uma cama verdadeira. Estão a frequentar um curso de formação profissional organizado pela UNICEF e financiado pela União Europeia.







Capítulo 3

AGARRADOS AOS SEUS SONHOS

Podemos pensar que as crianças sírias já não sonham. As suas vidas quotidianas estão recheadas de sofrimento e desigualdade. Poderíamos pensar que os seus sonhos se desvaneceram por causa desta existência que lhes foi imposta. Na realidade, é exatamente o contrário. Quando a maior parte da vida de uma criança lhe foi roubada, a esperança em dias melhores é tudo o que lhe resta.

Estas crianças fazem tudo para que os seus sonhos permaneçam bem vivos, mesmo que tenham medo de que nunca venham a concretizar-se.

Os que contam as suas histórias neste livro têm a coragem imensa de nunca desistir. Poderiam ter baixado os braços vezes sem conta. É necessário que exista uma grande força e carácter para continuar a ter esperança quando tudo se desmorona à nossa volta.

Como poderão observar ao ler estes testemunhos, por vezes é preciso muito pouco para que estas crianças sintam que se podem agarrar aos seus sonhos. Uma palavra, uma peça de vestuário, uma canção...





A RAPARIGA DO CHAPÉU

Maha tem 13 anos. É natural de Al Ghariyah Ocidental, na Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

Adoro chapéus.

Tenho dois, o que estou a usar hoje e outro. A minha mãe prefere o outro porque me protege melhor do sol.

Algo que adoro, quase tanto como adoro chapéus, é pentear o cabelo de outras pessoas. Quando tiver idade, gostaria de trabalhar num salão de cabeleireiro.



Costumo praticar na minha irmã, quando ela me deixa.

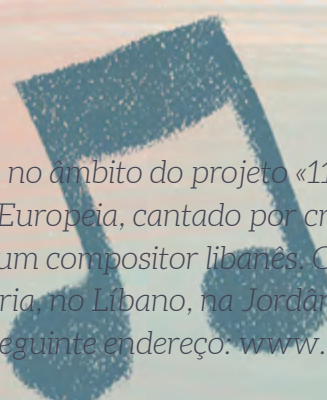
Abandonámos muitas coisas quando deixámos a Síria, mas mantive o meu amor pela música e pelo canto.

Tivemos a oportunidade de participar em formações de música. Primeiro, cada uma cantou uma música que conhecia e depois subimos ao palco e cantámos em conjunto a mesma canção. Foi fantástico.

Um palco repleto de raparigas como eu, raparigas que perderam tudo o que tinham e as pessoas que amavam, mas que partilhavam o amor pela música.

A música é essencial. Acalma-me quando estou zangada. Estamos tão longe de casa... Espero que um dia a nossa família esteja outra vez reunida e que eu possa voltar a ver a minha tia e o meu tio.

As sessões de música foram organizadas no âmbito do projeto «11», um álbum coproduzido pela UNICEF e pela União Europeia, cantado por crianças para crianças, em parceria com Jad Rahbani, um compositor libanês. O álbum inclui 11 canções interpretadas por crianças na Síria, no Líbano, na Jordânia e na Turquia. O álbum «11» pode ser descarregado no seguinte endereço: www.UNICEF.org/mena/11Album.



REDESCOBRIR A PRÓPRIA IDENTIDADE ATRAVÉS DA LÍNGUA MATERNAE

Qassim tem 30 anos. É natural de Deir ez-Zor, na Síria.

Atualmente vive na Turquia.

Cheguei à Turquia há três anos. Presentemente, sou voluntário no Centro Farah, onde trabalho com refugiados. Sou responsável por prestar apoio psicológico às crianças e organizá-lhes atividades para que se possam distrair um pouco.

A maioria das crianças que conheço aqui viveu a maior parte das suas vidas longe do país de nascimento. É por esse motivo que algumas delas têm verdadeiras dificuldades em falar na sua própria língua materna. As crianças que





nasceram aqui, no campo de refugiados, nem sequer sabem falar árabe. O que lhes acontecerá quando puderem regressar ao seu país?

A língua que falamos é uma parte essencial da nossa identidade. Por essa razão, decidimos organizar grupos de conversação árabe com as crianças.

No início, como é evidente, tiveram muitas dificuldades em aprender a língua. Para elas, era como se fosse uma língua estrangeira. Mas aos poucos, à medida que progrediam gradualmente, começaram a gostar. No final, os pais mal podiam acreditar como os filhos falavam bem árabe.

Quando chegar a altura de regressarem ao seu país, deverão encontrar uma sociedade pronta para as receber.

A SÍRIA DOS MEUS SONHOS

Hiba tem 12 anos. É natural de Homs, na Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

Vivo na Jordânia há quatro anos. Não guardo muitas lembranças da Síria, mas os meus pais estão sempre a dizer-me que era um país magnífico. Adoraria voltar lá para ver com os meus próprios olhos. Também dizem que tinham uma bela casa, mas não me lembro.

Tenho sorte por estar aqui, na Jordânia. Posso ir à escola todos os dias, algo que adoro! Tanto os meus colegas como eu consideramos fantástico ter a oportunidade de aprender. Um dos meus sonhos seria ser professora, quando tiver idade, e poder ajudar as crianças como eu.

Outra coisa de que gostamos muito é cantar! Às vezes, participamos em formações de canto. A minha música favorita chama-se «Shetti Shetti» («Chuva Chuva»). Sabe porquê? Porque a minha estação favorita é o inverno.

Espero sinceramente que um dia o meu sonho de ser professora se torne realidade. Se tivesse uma varinha de condão, faria com que todos fossem felizes e tivessem a melhor vida possível.



As sessões de música foram organizadas no âmbito do projeto «11», um álbum coproduzido pela UNICEF e pela União Europeia, cantado por crianças para crianças e em parceria com Jad Rahbani, um compositor libanês. O álbum inclui 11 canções interpretadas por crianças na Síria, no Líbano, na Jordânia e na Turquia. O álbum «11» pode ser descarregado no seguinte endereço: www.UNICEF.org/mena/11Album.



QUANDO OS SONHOS SE CONCRETIZAM

Khadija tem 12 anos. É natural de Idlib, na Síria.

Atualmente vive no Líbano.

Deixei a Síria em 2012. Quando chegámos a Beirute, no Líbano, os meus pais tiveram dificuldades em encontrar uma vaga para mim numa escola. Os únicos lugares disponíveis eram em escolas demasiado caras para as nossas posses.

Durante o meu primeiro ano no Líbano, fiquei em casa com a minha mãe. Ajudava-a nas tarefas domésticas. Nenhuma de nós estava contente com essa situação. A minha mãe receava que eu ficasse muito atrasada relativamente às outras crianças e que não conseguisse acompanhar as aulas.



Felizmente, um dia surgiu uma vaga e pude finalmente ir à escola.

Sei que tenho sorte em poder estudar. Tenho uma vizinha cujos pais se recusam a deixá-la sair. Temem que algo lhe possa acontecer. Fico triste, não acho que seja justo para ela. O pai e a mãe dela deviam compreender que nenhum lugar é mais seguro do que uma escola.

Quanto a mim, quero ter a possibilidade de estudar para ser médica, em Idlib. Enquanto puder continuar a frequentar a escola aqui, sei que o meu sonho se poderá realizar um dia.

Quando for mais velha e tiver filhos, não vou deixá-los faltar a um único dia de aulas.

Dir-lhes-ei que a escola é o lugar onde os sonhos se realizam.





SONHO COM O ESPAÇO

Bodoor tem 17 anos. É originária da Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

Quando cheguei ao campo de refugiados de Azraq com as minhas duas irmãs e os meus três irmãos, sentei-me nos degraus da nossa caravana e olhei para o céu. Pela primeira vez na minha vida, vi as estrelas a brilhar à noite. Havia tantas estrelas que senti que estava a ver toda a galáxia! Foi um momento tão belo que decidi aprender tudo o que pudesse sobre as constelações e a Via Láctea para ser astrónoma quando for mais velha.

As estrelas fazem-me feliz e deixam-me tranquila; afugentam a tristeza que, por vezes, sinto cá dentro. Quando à noite olho para o céu estrelado, é como se estivesse a evadir-me da Terra.

O problema para as raparigas da minha idade é que os nossos pais querem casar-nos antes de podermos terminar os nossos estudos. Algumas pessoas pensam que as raparigas não precisam de estudar. Que só servem para ficar em casa e cuidar do marido. Obviamente, essas pessoas estão erradas. Quanto mais estudos tivermos, mais úteis seremos para a sociedade!

Talvez um dia, quando for astrónoma ou astronauta, descubra mais planetas e até mesmo mais galáxias. O meu nome significa «lua cheia», pelo que serei a primeira mulher síria a pisar a Lua. Observarei a Terra de longe.

Se tiver a sorte de poder realizar os meus sonhos, estudarei muito para poder trabalhar um dia para a NASA. Dizem que nada é impossível se acreditarmos o suficiente. Mas também sei que vou precisar de ajuda, se não quiser que os meus sonhos fiquem trancados para sempre neste campo de refugiados.



PARTILHAR A VERDADE

Reham tem 18 anos. É natural de Damasco, na Síria.

Atualmente vive no Líbano.

Nunca esquecerei o dia em que a minha vida ficou de pernas para o ar.

Tinha 12 anos e vivia feliz com os meus pais e com os meus irmãos. Tinha o meu próprio quarto e passava a maior parte do tempo a fazer os trabalhos escolares. Escrever era a minha paixão. Até esperava vir a ser jornalista.

Quando estalou a guerra, saímos de casa a toda a pressa para chegar à fronteira. Chegámos ao Líbano, convencidos de que seria apenas por alguns meses; mas agora, anos depois, ainda aqui estamos. Vivemos em duas divisões. É mais uma espécie de tenda do que uma casa... Mas é a nossa casa. É aqui que posso sonhar.

Embora a vida seja difícil, não gasto o meu tempo a pensar em tudo o que perdi. Prefiro pensar na forma de melhorar a minha vida e a vida da minha família.

Desde a nossa saída, nunca mais regresssei à escola. Aos 18 anos, sei perfeitamente que nunca mais regressarei, pelo que aproveito todas as oportunidades para aprender mais e ganhar experiência. Sei como utilizar uma câmara e um computador. Até sei como cortar cabelos! É este tipo de aptidões que me vai ajudar a encontrar o meu lugar na minha comunidade.

Apesar de tudo isto, o sonho de ser jornalista continua gravado no meu coração. Não tenho tempo para escrever, um caderno e uma caneta seriam considerados luxos aqui, mas à noite, quando vou dormir, tomo mentalmente nota dos acontecimentos do meu dia.

Como já afirmei, a minha vida é complicada. Está impregnada de caos, tristeza e dor. Contudo, continuo a acreditar que tudo vai melhorar e ainda mantenho uma pequena chama de esperança dentro de mim.

Um dia, voltarei a ter uma caneta na mão e terei inúmeras histórias para contar!







Capítulo 4

O CAÇADOR DE SONHOS

Os sonhos mais preciosos pertencem aos que sonham com um futuro melhor para si próprios e para os seus semelhantes.

Algumas crianças alimentam sonhos como estes. Crianças que, graças à educação, lutam pelos seus direitos e, apesar de tudo, mantêm a esperança.

Ao ler estes testemunhos, o leitor perceberá como são fortes e corajosas as crianças que partilham as suas histórias neste livro.

Quando deflagrou o conflito na Síria, grande parte da comunidade internacional mobilizou-se, incluindo a União Europeia e a UNICEF, que estiveram entre os primeiros a agir.

Assumiram a tarefa de dar resposta às necessidades das crianças sírias. Ano após ano, ajudaram a preservar a determinação, a dignidade e a resistência do povo sírio.



TENHO DIREITO À EDUCAÇÃO

Marah tem 14 anos. É originária da Síria.

Atualmente vive no Líbano.

Quando cheguei ao Líbano, logo após ter deixado a Síria, não pude matricular-me numa escola imediatamente. Perdi um ano escolar inteiro, o que foi muito desagradável, porque adoro estudar! No final, tudo correu pelo melhor – consegui regressar à escola – e voltei a sorrir.

Todas as raparigas deveriam saber a enorme importância de frequentar a escola. Quando consegui recomeçar os meus estudos, a minha vida mudou.

No início, o meu pai pensava que o lugar de uma rapariga de 13 anos era em casa.

Claro que eu não estava nada de acordo. Todos os dias via os meus amigos a ir para a escola, enquanto eu ficava em casa. Sentia-me cada vez mais triste e desesperada, pelo que a minha mãe explicou ao meu pai que era realmente crucial para mim poder frequentar as aulas. Ela conseguiu convencê-lo e eu pude, por fim, matricular-me numa escola. A minha mãe dorme muito melhor ao saber que tenho a possibilidade de prosseguir os meus estudos.

Presentemente, estou feliz por ter a oportunidade de estudar e de um dia, quem sabe, conseguir realizar os meus sonhos.



O DIREITO DE VIVER EM PAZ

A UNICEF e a União Europeia organizaram ações de formação destinadas às crianças turcas e sírias. Estas ações de formação visam educá-las sobre os direitos da criança e dar-lhes a oportunidade de expressarem os seus pontos de vista sobre o assunto.

Vezire tem 17 anos. É natural de Mardin, na Turquia:

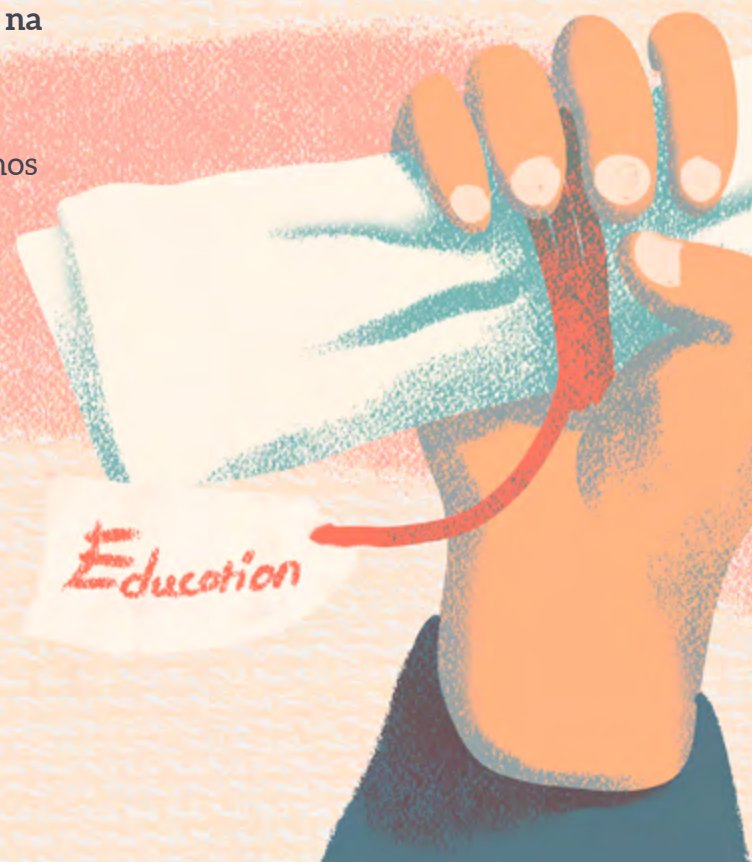
Tenho nove irmãos e irmãs, por isso sei como os direitos das crianças são importantes. A começar pelas crianças que fazem parte da minha própria família... Hoje, foi a primeira vez na minha vida que pude dizer o que pensava em público. Talvez tenha falado um pouco demais, mas estou feliz por ter tido a oportunidade de dizer tudo o que pensava. Nós, jovens, temos poder e deveríamos todos estar informados sobre os nossos próprios direitos.

Mohamed tem 15 anos. É natural de Ar-Raqqa, na Síria:

Para mim, o direito da criança mais importante é o direito de viver em paz. O mundo é suficientemente grande e suficientemente belo para que todos possamos viver em juntos sem conflitos. Não sei quem beneficia com a guerra, mas tenho a certeza de que a paz traz benefícios para todos.

Sahed, tem 11 anos. É natural de Ancara, na Turquia:

O mais importante direito da criança é o direito de frequentar a escola. Se soubermos ler e escrever, podemos compreender o mundo que nos rodeia e garantir a nossa própria segurança.





O DIA EM QUE COMPREENDI OS MEUS DIREITOS

Rahaf tem 15 anos. É originária da Síria.

Atualmente, vive no Líbano.

Quando deixei a Síria, tive de abandonar os meus estudos. Quando cheguei ao Líbano, como rapariga e refugiada, não pensava que continuar os meus estudos fosse uma prioridade. O que não sabia, era que tinha direitos! Tive a oportunidade de participar num programa de formação organizado pela União Europeia e pela UNICEF relacionado com a violência de género. Depois de concluir a formação, quis partilhar a minha experiência e os meus conhecimentos com as crianças libanesas e sírias.

Nas comunidades em risco, onde as crianças são frequentemente vítimas de violência, proteger os jovens é da

maior importância. Graças a este programa, as pessoas mais vulneráveis encontram um lugar onde podem sentir-se em segurança. Compreendem que têm direito à dignidade, aprendem a proteger-se a si próprias e a procurar a segurança perante uma situação de perigo.

A adolescência não é um período fácil. É quando começamos a perceber quem somos e o que queremos. Ter a oportunidade de participar neste programa e seguidamente de partilhar o que aprendemos, permite-nos prosseguir a longo prazo a luta contra a violência de género.

No final do programa de formação, todas as crianças são mais independentes graças aos conhecimentos e competências que adquiriram.





AVANÇAR GRAÇAS À ESPERANÇA

Abdulaziz tem 20 anos. É originário da Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

Quando era mais novo, o meu único pensamento era aproveitar a vida ao máximo. Mas, aos 19 anos de idade, os meus pais obrigaram-me a casar, só para que pudesse haver outra pessoa para ajudar nas tarefas domésticas. Eles não têm noção do impacto destruidor que tal teve na minha vida.

Decidi ir para a Turquia para encontrar trabalho e enviar dinheiro aos meus pais, à minha mulher e ao meu filho. Infelizmente, não consegui passar a fronteira. Atualmente, vivo num campo de refugiados, na Jordânia.

Apesar das tragédias que vivi, continuo a sonhar em poder regressar ao meu país um dia para que a minha família possa estar outra vez reunida.





COMEÇAR DE NOVO

Samira tem 18 anos. É originária da Síria.

Atualmente vive no Líbano.

Antes do início do conflito, eu era uma adolescente completamente normal. Gostava de sair e ver pessoas, mas a guerra transformou-me noutra pessoa. Perdi a minha casa, perdi os meus amigos. Fiquei introvertida, deixei de ter confiança em mim. Fazia tudo o que podia para evitar o contacto com as outras pessoas.

A minha mãe incentivou-me a participar no programa proposto pela UNICEF para as jovens mulheres que tinham vivido a experiência trágica da guerra. A ideia agradou-me imenso, bem como o conteúdo do programa. Após a primeira sessão, já me sentia a mudar.

Comecei por lá fazer algumas amigas. Depois, aos poucos, comecei a conversar com os meus vizinhos. Rapidamente senti a necessidade de saber mais sobre as pessoas que viviam à minha volta e aquelas que conheci.

Todas nós progredimos, passo a passo, ao nosso próprio ritmo. No início, éramos demasiadamente tímidas para conseguir participar, mas após algumas sessões, conseguimos comunicar umas com as outras.

Este programa mudou completamente a minha vida. Para onde quer que vá, utilizo os ensinamentos que obtive. Antes, pensava que a minha vida tinha deixado de fazer qualquer sentido, mas graças às sessões em que participei, mudei a forma como vejo as coisas. Já estabeleci vários objetivos pessoais e um deles é cuidar dos outros da mesma forma que cuidaram de mim.

Espero que todas as raparigas que ajudar se tornem fortes e capazes de enfrentar a sociedade em que vivem.



A MÚSICA CURA CORAÇÕES

Dunya tem 13 anos. É originária da Síria.

Atualmente vive na Turquia.

Deixámos a Síria quando tinha 8 anos. A situação tinha-se tornado muito perigosa e começávamos a ficar sem comida.

Tento ao máximo ser feliz aqui, na Turquia. Vou à escola para vir a ser engenheira quando regressar ao meu país.

A música era uma das coisas de que mais tinha saudades. Assim, quando ouvi falar deste projeto que ensinava às crianças sírias, libanesas e turcas canções tradicionais dos seus países, fiquei muito satisfeita por poder participar.

Os meus pais também pensaram que era uma ideia fantástica. Até aprendi uma canção que eles costumavam cantar quando eram crianças, na Síria! Chama-se «Fee I'nná Shajra» («Temos uma árvore»). Adoramos cantá-la todos juntos.

A UNICEF e a União Europeia coproduziram o «11», um álbum cantado por crianças para crianças e em parceria com Jad Rahbani, um compositor libanês. O álbum inclui 11 canções interpretadas por crianças na Síria, no Líbano, na Jordânia e na Turquia. O álbum «11» pode ser descarregado no seguinte endereço: www.UNICEF.org/mena/11Album.





LEMBRO-ME DE ONDE VIM

Assia tem 8 anos. É natural de Aleppo, na Síria.

Atualmente vive na Turquia.

A Turquia passou a ser o meu novo país. Aqui, sinto-me bem. Estou rodeada pela minha família e pelos meus amigos. Só os meus avós ficaram na Síria. Tenho muitas saudades deles.

Muitas vezes, constato que algumas pessoas que vivem aqui se esquecem de quem são e de onde vêm. A minha prima, por exemplo. Está sempre a falar turco. É como se tivesse esquecido o árabe.

Assim, para não esquecermos, cantamos velhas canções, umas vezes em árabe, outras vezes em turco. O meu pai adora! A minha mãe é fã da Fairuz, uma cantora libanesa, e diz que as suas canções estão carregadas de emoção.

Gosto muito de ir ao centro, uma espécie de escola criada pela UNICEF e pela União Europeia. Divirto-me imenso lá.

Quando vou para o centro, esqueço as minhas preocupações; imagino que estou noutro lugar.

Se tivesse uma varinha de condão, regressaria à Síria para ver os meus avós outra vez.







Capítulo 5

IR PARA CASA

Poucas pessoas conhecem o verdadeiro valor de um lar até serem forçadas a abandoná-lo.

Quando abandonamos a nossa casa, é muitas vezes por escolha e sabemos que podemos regressar a qualquer momento.

As crianças que contam as suas histórias neste livro tiveram de sair sem olhar para trás. As famílias foram desintegradas, as comunidades foram destruídas e sociedades, muitas vezes com vários séculos de existência, foram apagadas do mapa de um dia para o outro.

Todas as crianças sírias sonham em regressar a casa um dia.

O que encontrarão lá? Com o passar do tempo, as cidades podem ser reconstruídas, as estradas repavimentadas e as comunidades reestruturadas.

A última etapa da sua viagem, aquela que os conduzirá à paz, é a que poderá exigir mais força. Os jovens da Síria estão a preparar-se para esta viagem com coragem e convicção.

As suas maiores esperanças e os sonhos mais profundos estão centrados no mesmo objetivo: regressar a um país que esteja em paz, onde os seus direitos sejam finalmente respeitados.

O SONHO DE AYMAN

Ayman tem 10 anos. É natural de Aleppo, na Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

Como cheguei à Jordânia aos 7 anos, já não guardo muitas lembranças da minha casa, da cidade ou do país em que vivia antes. Por vezes, o meu pai e a minha mãe falam-me da Síria. Dizem-me que é um lugar magnífico, com rios e campos a perder de vista. Quando os ouço, penso que deve ser um lugar maravilhoso.

Embora não me lembre praticamente de nada, lá no fundo ainda tenho saudades do meu país.

O meu maior sonho seria regressar à Síria, reconstruir tudo e viver feliz, tal como antes.







MAIS FORTE DO QUE O DESCONHECIDO

Laila é originária da Síria.

Atualmente vive na Jordânia.

Sabe quem eu sou? Sou uma rapariga que foi forçada a deixar o seu país aos 13 anos de idade. Não sabia o que o futuro me reservava, mas duvidava que fosse algo agradável...

Quando a minha mãe me falou de ir à escola, eu recusei. Tinha muito medo. Medo do desconhecido. Medo de falhar. Mas depois, por fim, aceitei ir.

No início, detestei. A minha mãe encorajou-me imenso e, após algum tempo, fiz amigos e comecei a divertir-me. Mas não durou muito tempo... Tive de mudar de escola e isso foi horrível!

O momento decisivo na minha vida foi quando conheci um professor sírio. Graças a ele, percebi que tinha de frequentar a escola, não só para obter um diploma, mas também para construir um futuro. Foi quando comecei também a frequentar ações de formação sobre a importância da educação das raparigas.

Aposto que se está a interrogar sobre o porquê de eu não ter mencionado o meu pai. Não vá pensar que ele não me apoia nem acredita em mim. O motivo pelo qual não o mencionei tem que ver com a guerra que mo levou antes de ele poder ajudar-me a construir o meu próprio futuro.

Fiquei na escola, mas não passei no exame final. Mas não pense que vou desistir. Isso seria subestimar-me. Mesmo quando as coisas não correm como queremos, não significa que vamos desistir. Para construir um futuro melhor, precisamos de jovens fortes e independentes, de jovens motivados e de jovens que pensam por si próprios.

Nunca desistirei. Um dia, regressarei ao meu país e participarei na sua reconstrução.



EM CONCLUSÃO...

Todos esperamos que, um dia, as crianças sírias se sintam novamente em casa.

Na Síria ou noutro lugar, aqueles que partilharam as suas histórias neste livro perseguirão incansavelmente os seus sonhos, uma vez que são os jovens de hoje que carregam a promessa de um futuro melhor e de um mundo em paz.

À noite, olhamos para o céu – cada estrela representa o sonho de uma criança, o sonho de finalmente poder viver feliz e em segurança.



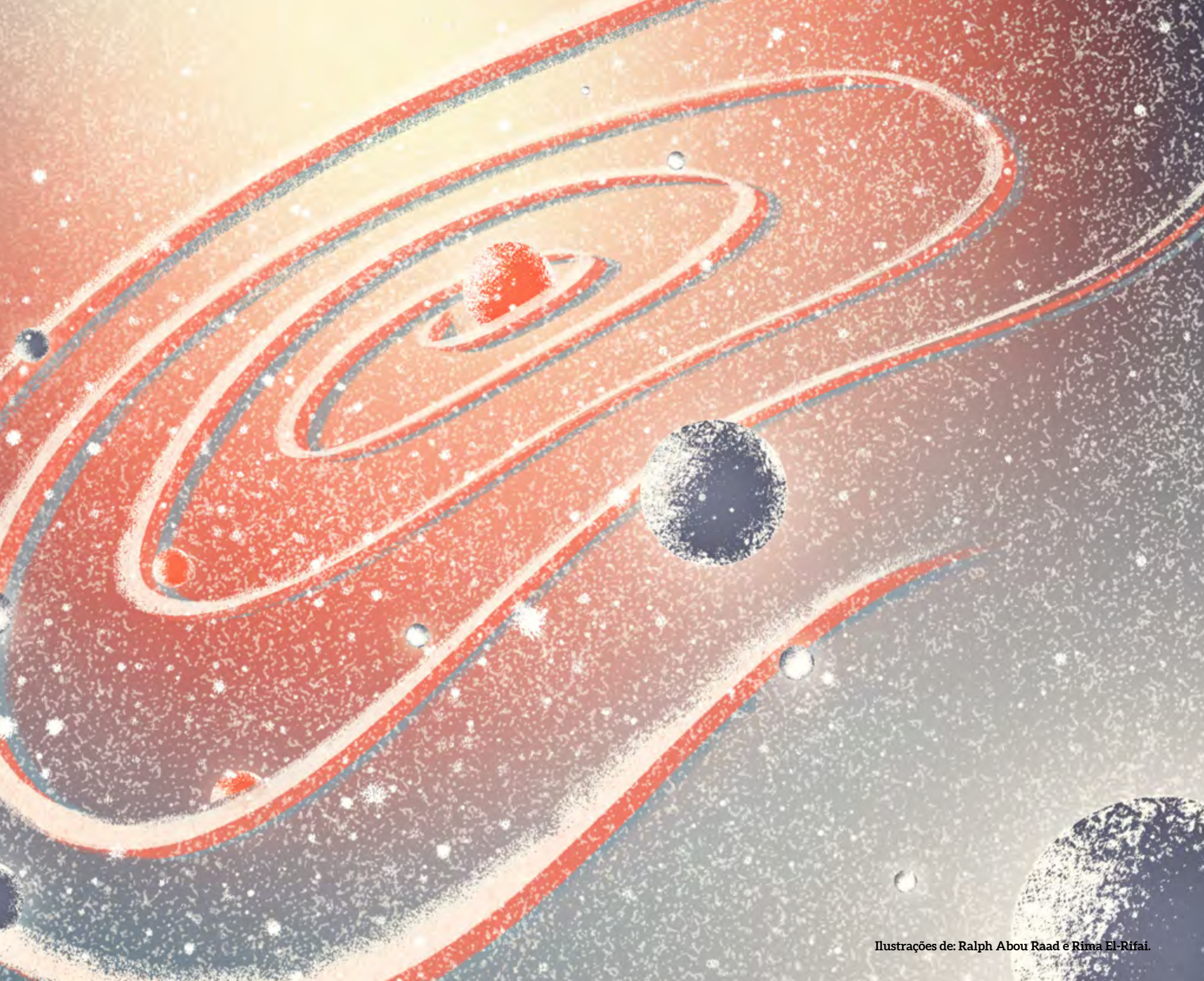


Nome: _____

Idade: _____

QUAL É O TEU
SONHO





À medida que, caros leitores, foram percorrendo as páginas deste livro, embarcaram numa viagem cheia de esperança e de sonhos, mas também de medo e de incerteza. Um mosaico de desenhos e de palavras que retratam, de forma criativa, a realidade das crianças sírias: inocentes e forçadas a abandonar as suas casas sem saber quando ou se alguma vez regressarão. Apesar disso, os seus testemunhos são mensagens de paz e resiliência, enquanto tentam lançar em conjunto as bases do futuro da Síria.

Contudo, a realidade é muito mais dura do que a retratada no presente livro colorido. A Síria continua a ser um dos lugares mais perigosos para uma criança crescer. *As crianças sírias viveram horrores, pelos quais nenhum ser humano deveria passar. Perderam a sua casa, a sua família, os seus amigos e a sua escola. Carregarão consigo as suas feridas invisíveis... sob ataque... e em movimento. Estas cicatrizes acompanhá-las-ão durante a sua infância e muito tempo depois – e não obstante, apesar de tudo, o seu otimismo permanece intacto.*

Parcerias únicas, como a parceria criada entre a UNICEF e o Fundo Fiduciário Regional da União Europeia de resposta à crise síria, permitem chegar até às crianças sírias mais vulneráveis, especialmente às crianças refugiadas na Jordânia, no Líbano e na Turquia. Esta parceria tem sido fundamental para que as crianças prossigam a sua aprendizagem e recebam apoio psicossocial e tenham acesso à educação.

Desde o início da parceria da UNICEF com o Fundo Fiduciário da União Europeia, em 2015, numerosas crianças puderam regressar à escola. Isto foi possível mediante iniciativas de educação a nível local que incentivaram as famílias a mandarem os seus filhos à escola, proporcionaram serviços de transporte, investimentos em infraestruturas para expandir o espaço de aprendizagem, aumentaram o número de professores e distribuíram livros e material didático e criaram centros para as crianças poderem aprender, brincar e ser simplesmente crianças outra vez.

Para que a futura geração da Síria alcance a paz, temos de ouvir a voz das crianças e dos jovens. Estas crianças e jovens possuem capacidades incríveis e uma grande vontade de contribuir para soluções criativas e para a coesão social, essenciais para reconstruir a Síria.

As crianças sírias viram o pior da humanidade e da vida, mas continuam a sonhar com um futuro melhor. É nossa responsabilidade trabalhar em conjunto e com elas para realizar alguns destes sonhos. Cada criança merece ter uma infância e uma oportunidade justa na vida.

Henrietta H Fore
Diretora executiva
UNICEF

Muito obrigado pela sua disponibilidade para ler as histórias reunidas neste livro. Por detrás destas histórias estão crianças reais.

A secção seguinte apresenta uma série de fotografias de crianças originárias da Síria e dos países vizinhos que beneficiaram do financiamento da União Europeia.

Esta secção é uma homenagem a estas crianças e a milhões de outras crianças pela sua coragem, determinação, capacidade de se manterem positivas contra todas as probabilidades e, acima de tudo, de sonhar!

Em conjunto e com estas crianças, podemos contribuir para a concretização destes sonhos.



Voda, 9 anos, natural de Hama, na Síria, é uma entre 5,6 milhões de refugiados sírios em todo o Médio Oriente. O início da guerra forçou a sua família a abandonar a Síria para ir viver numa comunidade de tendas de campanha no distrito de Mafraq, na Jordânia. Para as crianças, deixar o seu país significa abandonar a sua alma. Estas crianças e jovens afetados pelo conflito devem ser protegidos e ter um acesso equitativo aos serviços em segurança e com dignidade.



Bayan, 11 anos, num centro Makani, na Jordânia. «Não queremos regressar à Síria. Agora, a nossa casa é aqui, na Jordânia. Todos os nossos amigos estão aqui e adoramos o Centro Makani.»



Mohammed, 5 anos, refugiado sírio no Centro My Life, em Buyukyol, Sanliurfa, na Turquia, recuperou o seu sorriso. Atualmente, pode frequentar a escola em segurança, após ter abandonado a Síria há um ano. Para muitas crianças na Síria, o ato de ir para a escola tornou-se, por vezes, numa questão de vida ou de morte, em virtude da violência e dos ataques persistentes.



Watheg Hosain, 21 anos, (à esquerda), com o seu irmão **Hazar Hosain, 18 anos** (à direita), naturais de Homs, na Síria, são membros de um grupo juvenil de teatro no Centro Makani, na Jordânia. Os centros Makani propõem atividades recreativas e ações de formação destinadas às crianças e aos jovens no âmbito da resposta à violência, à exploração e à negligência.



Mais do que um mero refugiado! O centro Terres des Hommes, em Byblos, no Líbano, oferece às crianças muitas oportunidades de processarem o fardo psicológico associado à fuga da pior crise de refugiados da História recente, designadamente através de atividades terapêuticas, como a arte, o artesanato e o apoio psicológico profissional prestado por conselheiros. As comunidades locais podem igualmente aceder a estes serviços.



Sidra, 5 anos, natural de Derizzor, na Síria, só conheceu a guerra e a deslocação forçada. Está no Centro Buyukyol – My Life para raparigas, em Sanliurfa, na Turquia. É muito nova para se preocupar com o futuro, mas a maior parte dos adolescentes sírios temem ser esquecidos nos campos de refugiados e, consequentemente, nunca mais regressarem à sua casa, na Síria. Estas crianças merecem garantias para o futuro.



Centro Al Farah, Gaziantep, Turquia. Este projeto é financiado pela União Europeia e pela UNICEF. O centro de apoio à criança foi estabelecido com o objetivo de proporcionar um conjunto abrangente de serviços para dar resposta às diferentes necessidades das crianças, a fim de lhes permitir alcançar todo o seu potencial. Esta fotografia retrata uma sessão de apoio psicossocial para melhorar o bem-estar cognitivo e emocional das crianças.

A woman with dark, curly hair is smiling and hugging three children. The child on the left is a boy wearing a green shirt with a colorful floral pattern. The child in the middle is a boy wearing glasses and a white shirt. The child on the right is a girl wearing a yellow shirt. They are all smiling. In the background, there are other children and a building with a stone wall and a blue metal railing.

As crianças

procuram desesperadamente formas de lidar com as suas novas realidades. A UNICEF continua a prestar apoio psicossocial e serviços de proteção às crianças na Jordânia, no Líbano e na Turquia, através do Fundo Fiduciário Regional da UE. Estas intervenções promovem as interações transculturais e intergeracionais entre as crianças, com o objetivo de criar uma plataforma para que as crianças possam exprimir a sua voz, sonhos e aspirações.



Sedra, 14 anos, natural de Homs,
na Síria, no Centro
Makani, em Mafraq, na Jordânia: «Jamais esquecerei a
Síria, é o meu coração, o meu próprio alento.» Tem muitas
esperanças e aspirações para si própria e para o seu país. Os
adolescentes e os jovens devem ter acesso à participação
cívica e social, nomeadamente a oportunidades de criação de
contactos, para se tornarem ativistas sociais e contribuírem
para as mudanças nas suas comunidades e no seu país.



Salam, 14 anos, natural de Dara, na Síria, irmã de Keram, no Centro Makani, em Mafrq, gerido pelo IMC e apoiado pela UNICEF e pela União Europeia. «Este lugar é tão divertido. Quando for grande, quero ser piloto.»



Na'ama, 8 anos,

deixou a Síria há quatro anos com a sua família e desde então tem vivido no vale do Jordão. Muitas vezes, as famílias que fogem da guerra na Síria perdem as suas casas, os meios de subsistência e esgotam as suas poupanças. Lutam para fazer face às despesas e necessitam de apoio para aceder aos serviços básicos, incluindo a educação. Na'ama, a sua irmã e o irmão estão presentemente a frequentar um Centro de Aprendizagem Makani próximo, juntamente com outras crianças vulneráveis da comunidade local jordana.



A UNICEF está a trabalhar em cooperação com a União Europeia, através do Fundo Fiduciário Regional da União Europeia de resposta à crise síria, para proporcionar educação, ensino e proteção a centenas de milhares de crianças e jovens refugiados sírios e outras pessoas vulneráveis nos países vizinhos. Em abril de 2019, a União Europeia contribuiu com 17 mil milhões de EUR em resposta à crise síria, liderando a resposta dos doadores internacionais.

A União Europeia, em parceria com a UNICEF, está a ajudar as crianças e os jovens a superarem o impacto da guerra na Síria. A UNICEF esforça-se por chegar a todas as crianças necessitadas e dotá-las das competências para se converterem na próxima geração de professores, médicos, artesãos, advogados, engenheiros, artistas e cientistas sírios, por forma a conseguirem viver com dignidade, a suprirem as suas necessidades e a reconstruírem o seu país, quando vier a ser reposta uma paz duradoura.

As histórias e os retratos íntimos reunidos neste livro ilustram a coragem, a esperança e os sonhos de alguns dos milhões de crianças e de jovens afetados pela crise síria que agora vivem na Jordânia, no Líbano e na Turquia. Todos são coletivamente apoiados através da parceria União Europeia-UNICEF e por comunidades de acolhimento nos países vizinhos da Síria.

Este livro é uma pequena homenagem às crianças da Síria. Recorda-nos a nossa humanidade e a nossa responsabilidade comum de trabalharmos em conjunto para proteger os direitos de todas as crianças.

Manuscrito concluído em novembro de 2019. O mapa que figura na página 4 foi atualizado em 2020, na sequência da saída do Reino Unido da União Europeia.

*Ilustrações: Ralph Abou Raad e Rima El-Rifai.
Todas as fotografias: UNICEF.*



Financiado pela União Europeia.

www.UNICEF.org/mena
menaro@UNICEF.org
www.ec.europa.eu/trustfund-syria-region

#EUTFSyria

 www.facebook.com/UNICEFmena

 www.instagram.com/UNICEF_mena

 www.twitter.com/UNICEFmena

 www.facebook.com/EUnear

 www.instagram.com/eu_near

 www.twitter.com/eu_near

© Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) / União Europeia. Novembro de 2021. Todos os direitos reservados.

PRINT ISBN 978-92-76-29571-6
PDF ISBN 978-92-76-29544-0

doi: 10.2876/721379 EZ-02-21-102-PT-C
doi: 10.2876/677623 EZ-02-21-102-PT-N

ESTE LIVRO NÃO ESTÁ À VENDA.

هذا الكتاب غير مخصص للبيع



Serviço das Publicações
da União Europeia